



## NOTICIAS INTERNACIONALES AL 28/08/2015

<b>BRASIL</b> .....	<b>2</b>
Precios firmes para la hacienda en pie pero ceden los de la carne.....	2
Aumenta la diferencia entre los precios de la carne bovina y de sus sustitutos.....	2
Estiman que desaceleración de CHINA no afectará exportaciones brasileñas de carne.....	2
Irán habilitó nuevamente al estado de Paraná.....	2
Mapa espera abrir mercados Canadá, Corea del Sur y Arabia Saudita para carnes.....	2
MS lanzó programa para incrementar la cantidad de carne tipificada.....	3
Brasil exportará ganado en pie hacia TURQUIA.....	3
Confirman caso de rabia bovina.....	3
<b>URUGUAY</b> .....	<b>3</b>
Precios en caída la industria pasa precios de US\$ 3,60 para los novillos gordos y algunas ofrecen menos.....	3
Crisis en China provocó caída del 10% en precio de carne exportada.....	4
Se prevé una disminución del volumen de faena de vacunos Frigoríficos cumplieron con la demanda kosher y ahora se espera la baja de precios.....	5
Exportaciones de carne alcanzaron los US\$ 1.102 millones en el año Los ingresos son un 5% inferiores a los obtenidos a esta altura de 2014.....	5
<b>PARAGUAY</b> .....	<b>6</b>
Apuntan a llegar a 80 mercados para exportar carne paraguaya.....	6
Anuncian reducción de precios de carne vacuna.....	6
Falta inmunizar al 35% del ganado: alrededor de 4.8 millones de cabezas.....	7
<b>UNIÓN EUROPEA</b> .....	<b>7</b>
Modifican regulaciones sobre análisis de BSE.....	7
<b>ESTADOS UNIDOS</b> .....	<b>7</b>
Existencia de animales en feed lots aumentaron 2.6 por ciento – Producción se mantiene baja.....	7
SUDAFRICA mantiene restricciones sobre carnes estadounidenses.....	8
Informe revelaría presencia de C. Coli en carnes molidas , fue objetado desde la industria.....	8
<b>AUSTRALIA</b> .....	<b>10</b>
Uso de cuota de importación de carne de EE.UU. gatilla medidas distributivas para el 15 por ciento restante.....	10
Rabobank describe escenario favorable para AUSTRALIA.....	10
Australianos promueven generalización de su sistema de tipificación de reses.....	10
<b>VARIOS</b> .....	<b>12</b>
NUEVA ZELANDIA producción de carne vacuna 2014/15 aumentó un 7%. Estados Unidos y China buen crecimiento.....	12
CHILE despacha su primer cargamento de carne bovina congelada a CHINA.....	12
<b>EMPRESARIAS</b> .....	<b>13</b>
Valor bursátil de las empresas cárnicas globales no para de crecer.....	13
Minerva Foods anunció el arrendamiento de una planta en PARAGUAY.....	13



## **BRASIL**

### **Precios firmes para la hacienda en pie pero ceden los de la carne**

Sexta-feira, 28 de agosto de 2015 - Alterações de preços do boi gordo em treze praças pecuárias no fechamento desta quinta-feira (27/8). Dessas treze, dez foram altas.

Em Araçatuba-SP, a arroba foi reajustada para R\$142,50, à vista, segundo levantamento da Scot Consultoria. Existem ofertas de compra acima desse valor.

A escala de abate média em São Paulo atende entre quatro e cinco dias úteis, mas há significativa variação dentre as programações dos frigoríficos no estado.

O volume de boiadas abatidas por dia, em muitos casos, não alcança a plena capacidade instalada das indústrias.

Além de São Paulo, os preços também subiram nos estados vizinhos, como Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Goiás.

Mais ao norte, destaque para o Tocantins, onde as cotações tiveram alta nas duas praças pesquisadas, reflexo da dificuldade de compras de boiadas.

Por fim, os preços caíram no atacado de carne com osso em São Paulo. Esse fator pode atuar como limitante das altas para o boi gordo em curto prazo.

### **Aumenta la diferencia entre los precios de la carne bovina y de sus sustitutos**

27 ago 2015 Cepea, 27 – A diferença entre os preços da carne bovina e as substitutas (suína e de frango) aumentou em agosto, em relação ao mesmo período do ano passado – frente ao suíno, mais que dobrou. De acordo com dados do Cepea, enquanto a carcaça casada de boi se valorizou nesse comparativo, os valores das carnes suína e de frango recuaram, elevando a competitividade destas últimas proteínas. No mercado de boi gordo, a liquidez segue baixa, reforçada pela postura retraída de parte dos operadores. Esses agentes estão voltados à entrega e/ou recebimento de animais contratados anteriormente. Nessa quarta-feira, 26, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa do boi gordo (estado de São Paulo) fechou a R\$ 141,54, ligeira queda de 0,36% em relação à quarta anterior, mas pequena alta de 0,1% no acumulado parcial do mês

### **Estiman que desaceleración de CHINA no afectará exportaciones brasileñas de carne**

Fonte: Estadão Conteúdo, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 25/08/15 - A exportação de carne bovina do Brasil não deve ser afetada no curto prazo por uma eventual desaceleração da economia chinesa, prevê Alcides Torres Junior, diretor-fundador da Scot Consultoria.

Para Torres, o mercado da China continental foi aberto muito recentemente à carne bovina brasileira, de modo que estes problemas devem ter efeito limitado sobre as vendas externas. “Mesmo os efeitos positivos só serão sentidos em 2016, independentemente da crise vigente. O planeta não depende do consumo da China em relação à carne bovina”, disse ele, acrescentando que a situação é mais preocupante para a soja, cuja exportação é mais dependente da demanda chinesa.

### **Irán habilitó nuevamente al estado de Paraná**

Fonte: Mapa, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.25/08/15 - por Equipe BeefPoint

A Organização Veterinária do Irã anunciou, nesta segunda-feira (24), o fim do embargo à carne bovina in natura do Paraná, que tinha sido instituído por causa da ocorrência de um caso atípico de encefalopatia espongiforme bovina (EEB) no estado, em 2012, informou o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

O Brasil já é o principal fornecedor de carne bovina para o Irã e esse é o quarto maior importador de carne bovina in natura brasileira. No primeiro semestre de 2015, o Irã importou um total de 49,5 mil toneladas, ou seja, 10% do total exportado pelo Brasil, atrás da Rússia (18%), de Hong Kong (18%) e do Egito (17%).

### **Mapa espera abrir mercados Canadá, Corea del Sur y Arabia Saudita para carnes**

Fonte: Mapa, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 28/08/15 A secretária de Relações Internacionais do Agronegócio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Tatiana Palermo, disse durante a audiência, realizada para debater aspectos do Plano Nacional de Exportações que a perspectiva para o segundo semestre é a abertura dos mercados do Canadá, para carne bovina in natura, e da Coreia do Sul, para carne suína, além da reabertura da Arábia Saudita para carne de gado.



Ela destacou ainda a abertura de mercados no primeiro semestre deste ano, como o mercado dos EUA e da China. “Só nos primeiros 45 dias após a reabertura do mercado chinês, exportamos 15 mil toneladas de carne bovina. É uma verdadeira batalha que teve resultado positivo.”

### **MS lanzó programa para incrementar la cantidad de carne tipificada**

Fonte: Portal DBO 25 de agosto de 2015 - O Governo do Estado de Mato Grosso do Sul lançou na manhã desta terça-feira, 25, o pacto Sinal Verde para alavancar a produção e comercialização da carne bovina do Estado. A iniciativa tem como metas atingir 100% do abate tipificado e desenvolver ações para medir a qualidade do manejo, as condições da malha rodoviária, assim como fomentar a melhoria da qualidade sanitária dos rebanhos, além de fidelizar e abrir novos mercados para a carne do Estado.

Entre os parceiros da atividade está a JBS. Em nota, a companhia informou que se compromete a atingir 100% do abate tipificado no Estado de Mato Grosso do Sul até dezembro de 2015. A JBS também vai remunerar os pecuaristas de acordo com a qualidade dos animais. A companhia possui nove unidades de abate de bovinos no Estado.

Outra intenção do pacto é incentivar a regularização ambiental das propriedades rurais por meio da adesão ao Cadastro Ambiental Rural (CAR), promover a intensificação sustentável da pecuária por meio do aumento progressivo da arroba de carcaça/hectare, e promover o crescimento da adoção de sistemas integrados de produção.

Também são parceiros a Associação Brasileira da Indústria Exportadora de Carnes (ABIEC), Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul (Famasul), Associação de Criadores de Mato Grosso do Sul (Acrisul), Associação Sul-Matogrossense dos Produtores de Novilho Precoce, Embrapa Gado de Corte.

### **Brasil exportará ganado en pie hacia TURQUIA**

Fonte: Portal DBO 24 de agosto de 2015 - O Ministério da Agricultura (Mapa) anunciou nesta segunda-feira, 24, o fim da negociação do Certificado Zoossanitário Internacional (CZI) com o Serviço Veterinário da Turquia, o que permitirá a exportação de gado em pé para engorda.

Segundo informações do Mapa, no ano passado a Turquia importou 50 mil cabeças. Entre os principais fornecedores estão a Áustria, Hungria, Estados Unidos e Alemanha. “Isso é importante do ponto de vista de mercado e também pela possibilidade de abrir espaço para negociação de genética”, salienta o presidente da ABCZ, Luiz Claudio Paranhos, que recentemente assumiu a Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Carne Bovina no ministério.

O Brasil exportou 646,7 mil cabeças de bovinos vivos no ano passado, com receita de US\$ 675 milhões. Das 510,8 mil cabeças negociadas em 2014, 79% foram para a Venezuela; 12%, para o Líbano; 4% para a Jordânia e 3,5% para o Egito.

### **Confirman caso de rabia bovina**

26/08/15 - por Equipe BeefPoint A Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa) registrou um caso de raiva bovina em Pirenópolis, Goiás. A suspeita da doença surgiu após uma fiscalização de rotina em uma propriedade rural da região, onde agentes encontraram uma vaca com sinais da doença. A confirmação foi feita na segunda-feira (24). A última notificação de raiva no município foi em 2008. Pirenópolis faz parte dos 119 municípios goianos em que é obrigatória a vacinação contra a doença.

Para evitar que a doença se prolifere, a Agrodefesa notificou todos os proprietários da região a vacinarem o gado contra o vírus novamente. Além disso, o órgão fará um monitoramento constante do rebanho durante 90 dias para verificar se vão surgir outros casos.

## **URUGUAY**

### **Precios en caída la industria pasa precios de US\$ 3,60 para los novillos gordos y algunas ofrecen menos**

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador Agosto 28, 2015 Se dificulta la concreción de negocios en un mercado donde la industria pasa menores valores por el ganado gordo y la oferta no asimila completamente la corrección bajista, manifiestan operadores. El impulso que dio la llegada de las cuadrillas kosher israelíes se diluye y la semana que viene termina su faena. La buena disponibilidad de forraje a corto plazo con las lluvias registradas hace que desde la oferta se cuestione cuánto perder en precio y cuánto ganar en kilos.

La mayoría de las industrias –tanto de abasto como exportación– se encuentran alineadas en los US\$ 3,60/kg para los novillos pesados, pero hay algunas que pasan menores referencias. Las vacas se mantienen entre US\$ 3,20 y US\$ 3,30. Las entradas de animales a planta se mantienen en un promedio



de 10 días. Consignatarios manifestaron que actualmente es difícil que se alcancen los promedios que marcó la planilla de la Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG) el lunes pasado.

Las referencias de la ACG bajaron en vacunos, pero subieron en todas las categorías de ovinos. La ACG disminuyó nueve centavos su referencia para el novillo gordo hasta US\$ 3,68 el kilo a la carne y a la vaca tres hasta US\$ 3,33 el kilo. En tanto, el cordero aumentó ocho centavos hasta US\$ 3,80, el pesado cuatro a US\$ 3,84, el borrego cinco a US\$ 3,75, el capón cuatro a US\$ 3,33 y las ovejas 17 hasta US\$ 3,16.

La faena de vacunos subió por segunda semana seguida y se mantuvo arriba de las 40 mil reses. En la semana que terminó el 22 de agosto se faenaron 42.405 bovinos, un 0,8% más que en la semana anterior y 18% más comparado al mismo momento del año pasado. La cantidad de novillos faenados aumentó un 4% respecto a la semana pasada hasta las 22.250 cabezas (53% del total), mientras el número de vacas bajó 3% a 19.485 animales (46%).

En la semana finalizada el 22 de agosto el índice INAC para el kilo de novillo pasó de US\$ 3,861 a US\$ 3,849 y se mantiene 4,3% arriba en la comparación interanual. En cambio, el kilo de vaca INAC tuvo una muy leve suba, pasó de US\$ 3,404 a US\$ 3,406 y mantiene una brecha positiva de 1,8% respecto a igual semana de 2014. El precio INAC del cordero cayó de US\$ 3,951 a US\$ 3,881 por kilo y con ello amplió la variación negativa respecto al año pasado. La variación anual duplicó a la de la semana anterior y llegó a 8,3%.

Los ingresos por exportación para la carne vacuna vieron un buen incremento. La cotización semanal de la tonelada de carne bovina fue de US\$ 3.954, alrededor de US\$ 200 más que la semana anterior.

El promedio de las últimas cuatro semanas móviles tuvo su tercera semana seguida de aumento y alcanzó los US\$ 3.858 por tonelada. La diferencia respecto al nivel del año pasado al mismo momento fue de 3,5%.

### **Crisis en China provocó caída del 10% en precio de carne exportada**

Agosto 27, 2015 Director del Frigorífico Solís aseguró que los negocios se endentecieron. La carne vacuna de exportación sufre la crisis china.

La situación de la economía en China está afectando la corriente exportadora de carne vacuna de Uruguay hacia el gigante asiático, los negocios se enlentecieron y los precios se debilitaron en alrededor de 10%, con relación a los buenos valores de hace poco más de un mes, informó a El Observador el director del Frigorífico Matadero Solís, Jorge González.

China es el principal mercado de carne vacuna para Uruguay, tanto en las divisas generadas como en el volumen de los embarques. Hasta el 15 de agosto pasado, el gigante asiático importó por un valor de US\$ 370 millones, lo que representó 33,6% de los negocios de carne vacuna exportada por Uruguay. Las ventas a China sumaron 97.700 toneladas.

El segundo lugar en valor lo tiene la Unión Europea (UE), con US\$ 236,6 millones, mientras que la segunda ubicación en volumen la ocupa el bloque del Nafta con 58.800 toneladas.

Los mercados de la carne vacuna tienen bastante estabilidad, pero con mucha expectativa de lo que pueda pasar con la devaluación en China, lo que ha determinado que los negocios para ese mercado estén más lentos.

En el mercado chino se colocan algunos cortes de la rueda (pesceto y bolas de lomo) del trasero, que se están logrando ventas por volúmenes que crecen y tienen significación, así como también huesos con carne y mucha menudencia, dijo el industrial.

Por otro lado, explicó que las ventas para Estados Unidos no tienen tampoco la misma firmeza de semanas anteriores, siendo notorio que se han aflojado los precios de los bloques de carne para hamburguesa y también de trimming con ese destino, con relación a las últimas semanas.

**Dificultades en Europa**

A su vez están muy difícil los negocios de cortes congelados para la UE, en tanto que el mercado está estable para los cortes enfriados y precios a la baja en todos los subproductos.

Por otra parte, la devaluación del rublo en Rusia determina también que prácticamente no se realicen negocios con ese mercado. Además, Brasil es un mercado que está afectado por la devaluación del real, lo que también complica las ventas con ese destino, reseñó el industrial.

**Baja la oferta ganadera**

Como consecuencia hay "una cierta quietud en los negocios de exportación de carne" vacuna, admitió González, quien recordó que se aproxima setiembre, un mes en el que históricamente en Uruguay hay una menor oferta de ganado y baja la faena.

Precisamente en el mercado local de haciendas se había registrado en las últimas semanas un repunte de los precios, que llegaron a un promedio de US\$ 3,81 el kilo en cuarta balanza, lo que fue provocado por la necesidad de cumplir con los negocios con faena kosher de las empresas que tenían esos compromisos.

Una vez cumplidas las faenas con ese destino, dado que ya se están retirando del país las cuadrillas de inspectores israelíes que hacen ese tipo de controles del rito, el mercado está volviendo a la normalidad y los precios se han ajustado a la baja.



Novillo seguirá con ajustes a la baja

Como consecuencia de la realidad que presentan en esta coyuntura los mercados internacionales de la carne vacuna, es posible que el precio del ganado siga operando con algunos ajustes a la baja, admitió a El Observador el director del Frigorífico Matadero Solís, Jorge González. El industrial agregó que el precio local de la carne vacuna se encuentra estable y que en su cotización se debe considerar el valor al que ha llegado el dólar.

### **Se prevé una disminución del volumen de faena de vacunos Frigoríficos cumplieron con la demanda kosher y ahora se espera la baja de precios**

Agosto 24, 2015 La oferta de ganado gordo disponible es escasa pero de buena calidad

Los frigoríficos cumplieron su meta de abastecer de materia prima a las cuadrillas kosher para que realicen sus faenas bajo el ritual exigido por la religión judía. Pero esas tareas están concluyendo y en consecuencia se espera una importante baja en la demanda, y por lo tanto las cotizaciones que habían trepado 25% en 17 semanas volverán a caer.

Varias plantas aprovecharán además para otorgar licencias a sus funcionarios y realizar tareas de mantenimiento, paralizando sus actividades. Es evidente la nueva postura de la demanda industrial, según reconocen los operadores del mercado, que consideran que setiembre será un mes de reacomodo de los precios.

El consignatario Carlos Jaso, que opera fundamentalmente en el departamento de Lavalleja, a cargo de la compra de haciendas para Frigorífico San Jacinto (Nirea SA) en esa región del país, consideró que la zafra finalizó desde el punto de vista de los precios y las cotizaciones se empezarán a ajustar a la baja.

Sin embargo desde el punto de vista de la oferta la poszafra se mantiene por la escasez, de todos modos ello se compensará con una menor actividad de faena, explicó El Observador.

Por otra parte, agregó que es buena la calidad de los ganados que se ofrecen actualmente.

Alerta china

Otro factor que preocupa es la devaluación del yuan. Según datos del Instituto Nacional de Carnes, en lo que va del año 2015 China se posiciona como el principal mercado para la carne uruguaya, a ese destino se comercializa 41% del total de la carne vacuna.

Al devaluar la moneda china el importador tendrá que desembolsar más dinero para adquirir el producto que cotiza en dólares estadounidenses, lo que posiblemente provoque una retracción en el comercio, algo que no será exclusivo de la carne sino que afecta a la mayor parte de los productos agropecuarios y agroindustriales.

Más comensales para el pasto

La sequía hizo que muchos productores vendieran sus ganados para aliviar la carga de los campos y ahora, después de las abundantes lluvias, están dispuestos a reponer haciendas. Los mejoramientos están muy buenos, habrá mucha comida y se necesita ganado para que la consuma.

Jaso analizó que en la formación del precio de la reposición influirá mucho más la oferta forrajera que las malas perspectivas del mercado del ganado gordo.

Señaló que los ganados de invernada y las categorías livianas como terneros y terneras son los más demandados. "Hay muchos verdes que recién están para empezar a pastorear y se necesitan animales livianos. Pero como siempre ocurre, la vaca de invernada es la estrella porque permite hacer un negocio en apenas 60 o 90 días", señaló.

Afirmó que el ánimo de los productores del este es mucho mejor después de las lluvias. Dijo que los criadores, que en Lavalleja hay muchos, están muy esperanzados porque ahora ven todo el campo verde, pero los ganados siguen muy flacos.

Pantalla Uruguay

El consorcio de consignatarios ganaderos Pantalla Uruguay realizará su clásico remate de fin de mes el viernes 28 en la Rural del Prado. La oferta será de 5.500 vacunos y el catálogo con todos los detalles de los lotes se publicará el jueves 27 con El Observador. Los negocios se harán al contado y sin descuentos financieros para el vendedor y los compradores podrán operar con cheques de la industria frigorífica, previa consulta, o con los 90 días de plazo que ofrece banco Itaú.

### **Exportaciones de carne alcanzaron los US\$ 1.102 millones en el año Los ingresos son un 5% inferiores a los obtenidos a esta altura de 2014**

Por Juan Samuelle Agosto 25, 2015 En lo que va del año –al 15 de agosto– Uruguay alcanzó los US\$ 1.102 millones obtenidos por las exportaciones totales del sector cárnico.

Concretamente, los ingresos totalizaron al momento US\$ 1.102.189 por el envío al exterior de 287272 toneladas (peso embarque).

En ese período, en relación al mismo lapso de 2014, el monto de dinero logrado es un 5% inferior.

El año pasado a esa misma altura del ejercicio se habían embarcado 283.062 toneladas a cambio de US\$ 1.156.123.





Según se informó a El Observador desde el Instituto Nacional de Carnes (INAC), el 83,52% de los ingresos lo explican los embarques de carne vacuna (164.206 toneladas) por US\$ 920.558.000.

El 2,66% de las divisas corresponden a los de carne ovina (5.051 toneladas) por US\$ 29.336.000.

Luego aparecen el 1,50% por los de carne equina (4.337 toneladas) por US\$ 16.505.000; el 0,45% por los de carne aviar (3.347 toneladas) por US\$ 4.964.000, correspondiendo el resto a otros productos, con destaque para el 5,47% del rubro menudencias: 17.619 toneladas a cambio de US\$ 60.236.000.

En materia de pagos, en lo que va de 2015 la tonelada de carne bovina se colocó a un promedio de US\$ 3.829 contra los US\$ 3.9621 que se promediaba a esta altura en 2014.

En la carne ovina este año se promedia US\$ 4.517 contra los US\$ 4.112 que se promediaban al cierre del quinto mes de 2015.

Expresado en peso canal, se exportaron este año, al 15 de agosto, 240.424 toneladas de carne de vacuno (iban 233.673 toneladas en 2014) y 6.495 toneladas de carne de ovino (iban 12.539 toneladas en 2014).

En síntesis, en lo que va de este año en relación a igual tramo de 2014, INAC destacó que las exportaciones de carne vacuna descendieron 0,6% en dólares y crecieron 3% en volumen, en tanto que las de carne de lanar cayeron abruptamente, 43% en dólares y 48% en volumen (siempre considerando el peso canal).

## **PARAGUAY**

### **Apuntan a llegar a 80 mercados para exportar carne paraguaya**

Publicado el: 20 agosto, 2015 Fuente: UHUna reunión interinstitucional se llevó a cabo ayer en el Ministerio de Industria y Comercio (MIC), donde estuvieron presentes gremios del sector de la industria cárnica, así como autoridades del Servicio Nacional de Calidad y Sanidad Animal (Senacsa) y el Viceministerio de Ganadería. El objetivo del encuentro fue establecer las bases para que Paraguay amplíe los destinos a donde se envía carne local.

Marcos Medina, viceministro de Ganadería, dijo que la meta sería llegar al 2018 con 80 mercados habilitados para la exportación de la proteína roja local.

“El énfasis está en Hong Kong, países árabes, Centroamérica, Uruguay, Ecuador, Irán, Cuba, República Dominicana, Estados Unidos, entre otros países”, comentó el viceministro.

Indicó que algunos trámites para la apertura de mercados ya están muy avanzados y próximos a ser habilitados; tal es el caso de Irán, que en setiembre se espera la visita de técnicos veterinarios para habilitar establecimientos ganaderos. Por otra parte, se espera que Taiwán libere el cupo establecido para el ingreso de carne paraguaya en la zona.

Al mismo tiempo comentó que Qatar solicitó a los industriales unos 200 kilos de carne vacuna como muestra, para la degustación del producto en la zona. También están interesados en la carne de pollo.

Vale destacar que en agosto del 2013 se tenían 13 mercados abiertos para el envío de la carne local; actualmente son 61 los países que reciben la proteína nacional.

Entre los principales destinos se destacan Rusia, Chile, Brasil, Israel y Taiwán. Además, se envían productos cárnicos a otras zonas recónditas del mundo, como Guinea Ecuatorial, Comoras, Liberia, Costa de Marfil, Jordania, Antillas Neerlandesas, Seychelles y Dependencias, Bahrein, Aruba, Cabo Verde, Albania, Kosovo, entre otros.

### **Anuncian reducción de precios de carne vacuna**

27 de Agosto de 2015 La Cámara Paraguaya de la Carne (CPC) anuncia una reducción de precios en el sector de entre el 10% y 12% debido a una mayor oferta de productos. El presidente del gremio, Korn Pauls, señaló que estos abaratamientos serán trasladados al sector minorista.

Hace tres semanas los precios habían subido en el sector debido a la menor disponibilidad de vacunos en el mercado por las lluvias y el período de vacunación antiaftosa.

Normalmente los frigoríficos faenan entre 150.000 y 180.000 cabezas de ganado por mes, pero esas cantidades habían sufrido una merma cercana al 15%.

Si bien hablamos del sector mayorista de la carne, también fueron afectados los cortes minoristas, ya que las subas y bajas de precios repercuten en el consumidor final, pero especialmente se habían encarecido la carnaza de segunda, la costilla y el puchero, según lo explicado por Pauls.

Ahora la cantidad ofertada se normalizó y también las tarifas en el sector de los frigoríficos, acotó, lo que debe trasladarse al comercio minorista. “Estimamos que el precio a nivel local va a seguir cayendo”, resaltó.

En cuanto a la situación del mercado mundial tras la crisis generada por la caída de la bolsa china y la depreciación del yuan, Pauls indicó que esto podría traer consecuencias para la carne paraguaya, aún cuando no exportan a ese mercado.



Agregó que la crisis generada afecta a mercados vecinos, como el brasileño, donde se registran una fuerte devaluación del real y una baja de los precios de los cortes de carne. No obstante, Chile y Rusia son los mercados más importantes adonde se exporta la carne paraguaya, puntualizó el titular de la CPC.

### **Falta inmunizar al 35% del ganado: alrededor de 4.8 millones de cabezas**

24 de agosto de 2015 En nueve días finalizará el tercer período de inmunización contra la fiebre aftosa, pero aún no pudieron vacunar al 35% del ganado, según informó el presidente del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), Dr. Hugo Idoyaga, tras un encuentro que tuvo ayer con su par de Argentina, en Encarnación. La reunión de referencia tuvo como objetivo coordinar actividades en el sector sanitario de nuestro país, así como en el de Argentina e intercambiar datos sobre problemas y soluciones en el sector.

“Tenemos un 65% de población ganadera vacunada y registrada y apuntamos a llegar al 100%”, informó Idoyaga en conversación telefónica con ABC Color.

No obstante, reconoció que solo queda poco más de una semana para llegar a la meta de 13.800.000 cabezas de ganado bovino y bubalino, ya que el tercer período de vacunación termina el 4 de setiembre próximo.

De acuerdo con los datos, para la presente campaña de inmunización destinaron un presupuesto de G. 27.600 millones. Trabajaron 20 comisiones de salud animal, 3.300 fiscalizadores y 126 veterinarios coordinadores.

Este trabajo es de gran importancia de cara a la auditoría que hará la Unión Europea (UE) en noviembre próximo a nuestro sistema de producción de carne. Este control constituirá un desafío que enfrentará la industria y la ganadería para mantener el estatus sanitario nacional.

## **UNIÓN EUROPEA**

### **Modifican regulaciones sobre análisis de BSE**

Fonte: [www.agriland.ie](http://www.agriland.ie), traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 24/08/15 - A Comissão Europeia reduziu a quantidade de materiais de risco especificado (SRM, da sigla em inglês) que precisam ser avaliados pelo regime de testes para encefalopatia espongiforme bovina (EEB).

A regulamentação (EC) 999/2001 determina as leis para prevenção, controle e erradicação de certas doenças causadas por príon que afetam o sistema nervoso e o cérebro de animais, incluindo as referentes aos SRMs.

As regulamentações até agora incluíram três categorias de SRM:

- (i) Crânio, cérebro, olhos, medula espinhal dos animais com idade superior a 12 meses;
- (ii) Coluna vertebral de animais com mais de 30 meses;
- (iii) Tonsilas, intestinos e mesentério (todas as idades).

A última determinação emendou a definição de SRM bovino (tonsilas, intestinos e mesentério, de todas as idades) para “as tonsilas, os quatro últimos metros do intestino delgado, o ceco e o mesentério de animais de todas as idades”.

O efeito dessa mudança, que se aplica a todos os Estados Membros (independentemente do status de risco para EEB) é reduzir a quantidade de material intestinal bovino que é classificado como SRM. Isso levará a economias de custo nos custos de descarte e potenciais novas oportunidades de mercado para o material envolvido.

Ao mesmo tempo, a Comissão reduziu de forma significativa a lista de SRMs derivados de bovinos dos Estados Membros que são classificados como tendo risco desprezível para EEB – exceto na Irlanda.

Sendo assim, os pontos ii e iii não são mais incluídos na lista de SRM descrita acima, deixando o ponto 1 (i) como uma lista reduzida de SRM.

## **ESTADOS UNIDOS**

### **Existencia de animales en feed lots aumentaron 2.6 por ciento – Producción se mantiene baja**

24 August 2015 US - Cattle on feed report lifted 2.6 per cent in the major feedlots this month, report University of Missouri professors.

The feedlot inventory has grown on year ago levels every month this year except March, and Ron Plain and Scott Brown write that commercial beef production is down 4.1 per cent.

Slaughter weights continue to run well ahead of last year's level, with the July federally inspected dressed cattle weight of 825 pounds eclipsing last year's number by 19 pounds. Weights have now been at least 14 pounds above the previous year for 12 consecutive months.



The July choice retail beef price declined for the second consecutive month to \$6.37 per pound. This is only the second time that the retail price has declined in consecutive months since September 2012. The choice beef retail price was 1.69 times larger than the pork retail price in July, and 3.24 times larger than the composite chicken retail price.

Though the U.S. beef cow industry continues its expansion phase, the same cannot be said for Canada. July 1 beef cows in Canada numbered 3.79 million head, 3.4 per cent lower than the prior year. The very slight increases in the July beef cow herd that took place from 2011 to 2013 have now been replaced by two consecutive years of decline.

### **SUDAFRICA mantiene restricciones sobre carnes estadounidenses**

26 August 2015 SOUTH AFRICA - US poultry producers are growing impatient over continued delays on market access to South Africa for meat products.

Following an agreement made in Paris in June, South Africa was supposed to re-open market access for quotas of certain US meat products, after years of imposing anti-dumping tariffs.

However, the US Department of Agriculture (USDA) and the South African Department of Agriculture, Forestry and Fisheries (DAFF) have met three times since then and have been unable to finalise remaining issues with the trade measures, according to the latest report from the USDA's Foreign Agricultural Service.

South Africa claims to be maintaining bans on some meats as a sanitary measure to protect the country from disease.

If the two countries fail to reach a compromise, South Africa risks losing its benefits under the US' African Growth and Opportunity Act (AGOA), a trade preference agreement that was renewed after the Paris talks earlier this year.

Avian flu still an issue for poultry imports

South Africa completely banned poultry imports from the US late in 2014 after the detection of highly pathogenic avian influenza.

So far, South Africa has rejected requests from the US to regionalise the ban so that poultry products from areas not affected by avian influenza could enter the country. The blanket ban is inconsistent with World Organisation for Animal Health (OIE) standards.

South Africa has not as yet taken any steps to implement the quotas of anti-dumping tariff-free poultry imports agreed in Paris either. The South African Poultry Association is a key barrier to implementing the measures, as government seems to be leaving access deals to industry, but the US industry associations have put forward what it believes can be a successful agreement for consideration.

Negotiations continue on these issues, and also on the format of poultry health certificates for exported birds.

Beef access denied since 2003 BSE outbreak

South Africa has maintained a ban on the import of all US ruminant products, including pet food, following the detection of a bovine spongiform encephalopathy (BSE) positive animal in Washington State in 2003.

Some progress was made on this issue in June 2015, when the South African Cabinet reportedly issued a decree to recognise the United States' negligible risk status for beef.

South Africa Minister of Agriculture Senzeni Zokwana wrote to USDA Secretary of Agriculture Tom Vilsack on 4 August, providing details of the negligible risk status recognition.

That letter made many requests for audits, and laid out a very stringent set of conditions for US access. Now the health certificate must be negotiated.

Given poultry and pork certificates have been passed back and forth between the two governments over a period of years, it's too soon to forecast when a finalised beef certificate may happen. Unless DAFF prioritises these discussions, it may take years.

Pork banned over PRRS concerns

In May 2012, South Africa notified the World Trade Organization of a new restriction regarding porcine reproductive and respiratory syndrome (PRRS) and began enforcing the measure in June 2013, which stopped US pork exports to South Africa.

South Africa also imposes additional requirements on pork due to concerns for pseudorabies and trichinae. Although the USDA believes these barriers are unwarranted, the US is trying to find ways to compromise and meet some of South Africa's mitigation protocol.

Despite these concessions, South Africa approved only a limited list of US pork cuts for export to South Africa, which excludes shoulder cuts, a priority for US industry.

The report says that South Africa needs to put more eligible cuts on the table.

### **Informe revelaría presencia de C. Coli en carnes molidas , fue objetado desde la industria**

In a burger-loving nation like the U.S., one way you're sure to generate headlines is to tell people that there's probably poo in their patties—hence the above. But is that really cause for concern?





Consumer Reports recently tested some 300 packages of ground beef purchased in 26 cities nationwide, and every single sample “contained bacteria that signified fecal contamination,” according to the final report.

There are lots of reasons to decry the inanity of American’s penchant for beef: The litany of health ills associated with too much red meat consumption appears to be rivaled only by the litany of environmental ills that come with producing upwards of 4.5 billion pounds of meat from animals as energy-intensive and polluting as cattle.

Yet that the meat industry can make a semi-credible case that the seemingly shocking results of the Consumer Reports study demonstrate “ground beef is as safe as ever” may serve as evidence that sensationalism—even in the service of a good cause—is still, well, sensationalism.

“The bacteria identified in the Consumer Reports testing are types that rarely cause foodborne illness,” the industry front group North American Meat Institute complained in a statement. Like it or not, the bacteria that Consumer Reports touts as evidence of fecal contamination—enterococcus and nontoxin-producing strains of *E. coli*—abound in our everyday environment, and they don’t tend to make you sick. But that Consumer Reports found *C. perfringens* in 20 percent of its samples—the third-most-common source of food poisoning in the U.S., according to the Centers for Disease Control and Prevention—would appear to suggest that the Meat Institute is engaging in its own degree of spin.

To get a sense of how confusing this all can be, take a look at how both Consumer Reports and the Meat Institute frame the former’s findings that 1 percent of the ground beef samples contained salmonella, a key culprit behind thousands of hospital-worthy cases of food poisoning every year.

As Consumer Reports notes, the figure might not sound troubling, but “extrapolate that to the billions of pounds of ground beef we eat every year, and that’s a lot of burgers with the potential to make you sick.

Whereas the Meat Institute declares: “The real headline here is the bacteria that Consumer Reports doesn’t report finding in their testing—Shiga toxin-producing *E. coli*—and just one percent of samples with Salmonella, a number far below USDA performance standards.”

Truth is, food poisoning can be notoriously difficult to trace, and what may seem at first the most likely culprit might not always be so. A federal report released earlier this year by staff from the CDC, FDA, and the USDA’s Food Safety and Inspection Service found that beef counted for 46 percent of potentially dangerous *E. coli* transmissions—but “vegetable row crops” accounted for 36 percent. As for salmonella, beef accounted for just 9 percent of transmissions, 1 percent higher than—are you ready for it?—sprouts. Fruits and vegetables were responsible for a whopping 30 percent of transmissions.

That’s not to say that there’s not plenty in the Consumer Reports study worth taking heed of, particularly the findings that sustainably raised beef—notably ground beef labeled as organic and grass-fed—appears to have significantly less bacterial contamination than conventionally raised beef.

But with so many good reasons out there to cut down on beef consumption or eliminate it from the diet entirely—social, health, environmental, take your pick—it hardly seems necessary to resort to bacterial bugaboos and fearmongering.

Fonte: Drovers, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 28/08/15 - por Equipe BeefPoint

Um relatório que informa sobre a contaminação da carne moída dos EUA com bactérias pode aumentar a confusão dos consumidores com relação à segurança alimentar, disseram membros da indústria de carnes do país, acrescentando que a boa notícia é que as bactérias encontradas não são do tipo que comumente estão associadas a intoxicações alimentares.

A indústria alega que a segurança é sua prioridade número um e que a carne moída atualmente é mais segura do que jamais foi, com uma redução de mais de 90% em bactérias como *E. coli* O157:H7 e reduções significantes de salmonela nos últimos anos. Segundo a indústria, a única coisa útil do relatório foi informar que toda carne moída deve ser bem cozida antes de ser consumida.

Outros especialistas estão preocupados que o relatório e a subsequente cobertura da mídia leve os consumidores a acreditar erroneamente que a carne bovina orgânica e/ou produzida a pasto é mais segura, levando-os a achar que não precisam cozinhar corretamente. Além disso, o termo “sustentável” no relatório seria incorreto, já que os termos “orgânico” e “produzido a pasto” são comerciais e não um indicador preciso de sustentabilidade ou segurança da carne. Com relação à tênue relação entre o método de produção e bactérias resistentes a antibióticos no estudo, não houve indicação de que foi verificado se qualquer amostra de carne realmente veio de animais que receberam ou não antibióticos. Só porque foram rotuladas como produzida a pasto ou natural não necessariamente significa que não receberam antibiótico.



## AUSTRALIA

### Uso de cuota de importación de carne de EE.UU. gatilla medidas distributivas para el 15 por ciento restante

26 Aug, 2015 As at August 21, Australia's US beef quota usage had reached 82pc, or 342,956 tonnes swt. VERY high cattle slaughter across Australia and strong demand for imported beef in the United States throughout 2015, has resulted in Australian beef exports to the US increasing at an unprecedented pace this year.

As a consequence, the Australian Department of Agriculture, which administers Australia's export quota access arrangements, will start allocating the final 15 per cent of Australia's country specific annual US beef quota to exporters, possibly as early as next week.

Australia has access to a tariff free calendar year beef quota of 418,214 tonnes shipped weight (swt) in 2015, made up of 378,214 tonnes swt allocated under the 1995 multilateral Uruguay Round Agreement on Agriculture, and a further 40,000 tonnes swt under the Australia/US Free Trade Agreement (AUSFTA).

The quota is generally administered on a first come, first served basis, but when export volumes reach 85pc of the quota, the department will allocate the remaining 15pc to eligible Australian exporters based on their beef shipments to the US over the previous two years. In this case, it's from November 1, 2012 and until October 31, 2014.

This will be the first time the quota allocation system has been triggered since the AUSFTA was signed in 2005.

As at August 21, Australia's US beef quota usage had reached 82pc, or 342,956 tonnes swt.

The last 15pc of allocated quota will be tradeable (and can be transferred in the 10 business days after the quota is triggered), meaning that exporters without quota can purchase volumes from those with quota.

Other options open to exporters looking to ship to the US are to apply for quota that may be available in the uncommitted pool at the end of the allocation process; apply for 2016 US beef quota (with the knowledge that the product will not be allowed to clear US customs until 2016, and must be held in bond storage until then); or exporters can ship beef to the US out of quota, but this will attract a tariff of 21.12pc. If beef is shipped out of quota, importers will face the additional cost of the tariff, which will add pressure to price negotiations with Australian exporters.

This tariff could be shared between importers and exporters, as US end-user demand for imported beef is still relatively high, and imported beef is currently trading at a discount to US-produced beef in-market.

The allocation of quota may also have a further impact - with those exporters with small, or no allocations finding it difficult to export beef to the US for the remainder of the year.

### Rabobank describe escenario favorable para AUSTRALIA

Fonte: MeatPoultry.com, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint.26/08/15 - Um relatório do Rabobank informou que as condições atuais de mercado estão beneficiando a carne bovina australiana. As altas temperaturas e a seca em regiões produtoras da Austrália levaram a indústria a aumentar as taxas de abate e os volumes de exportação. Embora esse cenário seja insustentável em longo prazo, somado às ofertas menores de outros países exportadores e à forte demanda, deverá beneficiar os produtores australianos.

Os preços dos gados australianos deverão ficar de 40% a 70% maiores do que a média dos últimos cinco anos, devido a vários fatores, como mudanças nas leis de rotulagem do país de origem dos EUA, forte demanda dos consumidores americanos e menores ofertas australianas, o que leva ao aumento do preço sem comprometer a competitividade do produto. Além disso, acordos de livre comércio ampliam o mercado de exportação australiano, reduzindo as flutuações de mercado. Reduções graduais nas exportações de carne australiana aos EUA levarão à transferência de ofertas a crescentes mercados na China e nos países do Sudeste da Ásia, como Vietnã e Camboja.

Os EUA são um mercado bastante valioso à carne bovina australiana, devido à forte liquidação do rebanho nos EUA, aos preços recordes da carne nesse mercado e ao fraco dólar australiano. Entretanto, o Rabobank disse que a Austrália está suprindo uma lacuna no mercado americano e que os produtores australianos precisam de um plano par quando esses fatores que favorecem as exportações de carne a esse mercado mudarem. O maior consumo de hambúrguer nos EUA e a demanda por hambúrguer premium beneficiarão os exportadores australianos também.

A Austrália está em posição de alavancar a forte demanda global por carne bovina e desenvolver uma indústria com produtos premium e de valor agregado, concluiu o Rabobank.

### Australianos promueven generalización de su sistema de tipificación de reses

Fonte: MeatingPlace.com, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 24/08/15 Um sistema de classificação mais recente – e mais complicado do que o do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) é uma promessa na Europa, onde muitos mercados atualmente não possuem uma técnica



confiável de prever a qualidade da carne bovina para fornecer uma experiência consistente de consumo ao consumidor.

Isso, de acordo com os proponentes do sistema Meat Standards Australia (MSA) do Meat and Livestock Australia (MLA), foi destacado nos recentes estudos com dados dos consumidores na França, Reino Unido e Polônia sobre a potencial adoção do sistema de classificação de carne bovina em alguns mercados europeus.

Os resultados foram apresentados durante um workshop exclusivo sobre tendências globais em classificação de carnes e qualidade da carcaça na sede do Instituto Nacional Francês para Pesquisa Agrícola (INRA), realizado antes do 61º Congresso Internacional de Ciência e Tecnologia da Carne, que será realizado em Clermont-Ferrand.

Os apoiadores do modelo MSA estão esperando que o sistema seja instalado na Europa. O princípio do sistema australiano é uma massiva base de dados de pesquisa com um variedade de entradas, incluindo um sistema de testes com os consumidores de grandes escalas com cortes preparados de várias formas. Pelo sistema australiano, o nível de qualidade de qualquer músculo é previsível por vários métodos de preparo (como grelhado, assado ou frito).

Os testes com os consumidores na França e na Polônia mostraram que o sistema MSA pode prever com precisão a qualidade da carne, como testes similares no Japão e na Coreia fizeram. Alguns especialistas da indústria da França criticaram a complexidade do banco de dados, chamando-o de impraticável, embora “bonito” na teoria.

As previsões de adoção nos Estados Unidos do complexo modelo MSA são baixas, disse o professor de Ciência da Carne da Universidade do Estado do Kansas, Michael Dikeman. “Ele difere muito do sistema de classificação dos Estados Unidos, que está muito arraigado na observação visual (principalmente marmoreio e menos na maturidade)”, disse ele.

Determinado em poucos segundos por um selecionador ou instrumento sem informações adicionais necessárias (como uso de implantes ou beta-agonistas, tempo em engorda, tipo de alimento, raça ou tipo biológico do animal, sexo ou até mesmo seleção genética), o sistema do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) é mais simples do que o sistema australiano, que usa muito dessa informação e, então, categoriza vários músculos em diferentes resultados de palatabilidade acompanhando a maturação.

O sistema americano categoriza as carcaças em diferentes graus baseado principalmente no marmoreio, e todos os cortes são rotulados de acordo com esse grau, independentemente de informações adicionais.

A determinação de classificações de qualidade começou nos Estados Unidos em 1923. O sistema MSA foi lançado em 1996 como um projeto de pesquisa do MLA. Cerca de metade dos processadores de carne bovina da Austrália adotaram o modelo voluntário de classificação.

Além disso, o sistema MSA descobriu algum suporte da indústria na Europa, onde um programa de pesquisa chamado ProSafeBeef visado desenvolver um modelo de previsão europeu.

Foi isso que a indústria de carne bovina fez a Polônia, onde o consumo de carne bovina tinha caído na última década por causa dos maiores preços e de um público cada vez mais exigente, de acordo com o presidente da Associação de Carne Bovina da Polônia, Jerzy Wierzbicki. Apesar de considerar ambos os sistemas, o do USDA e o MSA como sistemas de qualidade de consumo da carne, ele disse que o sistema americano perde em seus pontos fracos: ele recompensa apenas a carne bem marmorizada de animais jovens; a carne magra tem frequentemente classificação baixa, apesar de ser bastante apreciada pelo consumidor; e todos os cortes vêm da avaliação do marmoreio de tiras de lombo.

O sistema australiano – baseado no que o MLA chama de PACCP (um tipo de APPCC – Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controle – que determina os pontos críticos de controle para garantir a palatabilidade, incluindo genética, fatores pré-abate afetando o estresse e a maturação) – que serviu como modelo para o sistema ProOptiBeef, da Polônia, desenvolvido em 2009 e construído com mais de 54.000 amostras de 7.000 consumidores. A UE regulamenta o EUROP Grid, um sistema similar de classificação de carcaça baseado nas estimativas de rendimento. Similarmente, o sistema americano é baseado em grande medida no marmoreio, mas isso é apenas uma das muitas entradas do sistema MSA. Como resultado, há um importante impulso do MLA para exportar o sistema de classificação MSA para a Europa.

“O EUROP grid (similar ao sistema de classificação do USDA) tende a recompensar o rendimento e a conformação mais do que a qualidade ao consumo”, disse o gerente de agricultura da rede varejista do Reino Unido, Waitrose Ltd., Duncan Sinclair.

A última Auditoria Nacional de Qualidade da Carne Bovina (conduzida em 2011) revelou que para os consumidores americanos, a “satisfação ao consumo” continua sendo um dos maiores desafios de qualidade, ficando em segundo lugar, perdendo somente para a segurança alimentar.

A Austrália exportou 74% do seu rebanho de 26,5 milhões de cabeças em 2014 – com os Estados Unidos sendo seu principal mercado, seguido por Japão e Coreia. “Para conduzir o produto australiano, a qualidade ao consumo é muito importante. Precisamos classificar mais animais”, disse o gerente regional



para Europa e Rússia para o MLA, Michael Crowley. O modelo é flexível o suficiente para mudar para se adequar à oferta sazonal de bovinos ou a mudança na base de clientes, disse ele. “Tornar esse programa global, é onde está a próxima fase de crescimento”.

## VARIOS

### **NUEVA ZELANDIA producción de carne vacuna 2014/15 aumentó un 7%. Estados Unidos y China buen crecimiento**

27 August 2015 New Zealand (NZ) beef production has reached 560,751 tonnes carcass weight (cwt) for the 2014-15 season-to-date (October 2014 to June 2015) – 7% higher than the previous year (Statistics New Zealand).

NZ adult cattle slaughter over the same period was up 9% year-on-year, at 2.3 million head. The rise is attributed to the fall in the dairy payout and the subsequent number of dairy cows and heifers culled, as well as drought conditions (Beef + Lamb New Zealand).

In line with the higher volumes of beef produced, NZ beef exports have increased 9% over the October to June period, to 348,390 tonnes shipped weight (swt).

Exports to the US were 23% higher, at 193,198 tonnes swt, with the strong demand due to low domestic supplies

Shipments to China registered 42% year-on-year growth, at 45,390 tonnes swt, while volumes to Taiwan eased 3%, to 16,952 tonnes swt

Volumes to South East Asia were back 31% on the previous year, at 19,507 tonnes swt

Exports to Japan fell 23%, to 15,294 tonnes swt

Beef + Lamb New Zealand forecast 2014-15 beef exports to reach 395,000 tonnes swt – up 1% year-on-year.

### **CHILE despacha su primer cargamento de carne bovina congelada a CHINA**

Fuente: Agromeat, 24/08/2015 El primer contenedor con carne chilena congelada rumbo al mercado chino fue despachado el pasado viernes 21 de agosto por el Frigorífico de Osorno (Frigosor), informó el presidente del holding FERIA Osorno, Harry Jürgensen, junto al director nacional del Servicio Agrícola y Ganadero (SAG), Ángel Sartori. Este primer envío, de un total mínimo de tres con igual destino, estuvo compuesto por 75 animales que viajaron en cuartos, es decir, en 280 piezas aproximadamente, congelados. Los otros dos contenedores viajarán en septiembre, pero entonces la carne irá despostada y al vacío, adelantó el SAG.

Según Jürgensen, China tiene una alta demanda por productos cárnicos, y en ese sentido, explicó que se busca aprovechar la oportunidad comercial para diversificar el destino de las faenas. Asimismo, destacó que el mercado chino tiene una dimensión tal que “calza a toda la producción de carnes y subproductos, y a toda la ganadería desde la pequeña agricultura familiar campesina hasta aquellos más grandes”.

Por su parte, Sartori señaló que este primer despacho de carne bovina congelada a China es posible dada las excelentes condiciones sanitarias del ganado. “La condición sanitaria de un país es un factor clave para concretar este tipo de negocios”, expresó el funcionario chileno, al tiempo que agregó que “la sanidad agropecuaria es un valor agregado país y un bien público”. Sartori valoró el esfuerzo del SAG y de Frigosor en lograr que salga el primer contenedor con carne congelada hacia el mercado del gigante asiático, considerado de gran importancia para llegar con diversos productos pecuarios.

El funcionario resaltó además el trabajo público y privado para concretar un nuevo mercado y hacer posible el envío de un “producto noble”. “Este primer contenedor es un paso inicial”, indicó y subrayó que “será un gran impulso a la ganadería nacional como otras políticas públicas” que se están implementando.

TheCattleSite News Desk - 25 August 2015 CHINA – China will buy a batch of frozen beef from a major Chilean meat processor this month, with two other containers scheduled for shipment in September. “At least three” batches expected to contain 75 carcasses are to be shipped to the “high demand” Chinese market by meat processor FRIGORSORNO, says Chile’s ministry of agriculture. FRIGORSORNO officials have expressed gratification for government assistance after two years of joint negotiations. Angel Sartori, national director at the government’s Agricultural and Livestock Service, put the trade announcement down to Chile’s strong livestock health performance. “This has combined both the public interest and private open a market and make it possible to send a ship products, we are satisfied with private and public sector collaboration,” he said. “This container is an initial step and we have no doubt it will be a big boost to domestic livestock and other public policies that we are implementing.” An industry spokesperson said: “We are proud to be pioneers again in something as important as it is to open the Chinese market, a larger huge market that fits all production of meat and by-products, and all livestock from small family farms



peasant even those.” FRIGOSORNO is licensed to export to Europe, Russia, Japan, Hong Kong, Panama, and range of South American countries as well as the US to the north.

## **EMPRESARIAS**

### **Valor bursátil de las empresas cárnicas globales no para de crecer**

27 Agosto 2015 Es la contrapartida del descenso del precio de los granos y los recursos energéticos. Mirá quiénes encabezan el ranking.

El valor bursátil de muchas empresas globales dedicadas a elaborar productos cárnicos no para de crecer. En la cima del ranking se ubica la compañía estadounidense Hormel Foods: en el último año las acciones de esta empresa subieron más de un 22% en el New York Stock Exchange (y más del 40% en los últimos dos años).

La acción de Tyson Foods (compañía que también cotiza en el New York Stock Exchange) creció 9% durante el último año y 29% en los dos últimos años, según publica el sitio valorsoja.com.

La avícola estadounidense Pilgrim's Pride Corp –controlada por la brasileña JBS y cotizante en el Nasdaq– en el último año perdió más de un 17% luego de registrar una suba fenomenal hasta comienzos de 2015 (en los últimos dos años la acción de esta empresa acumula una suba del 21%).

En el Toronto Stock Exchange, la acción de la compañía procesadora de carne aviar y porcina Maple Leaf Foods creció en el último año más de un 9%. ¡Y un 50% en los últimos dos años!

En el mercado brasileño BM&F Bovespa las acciones de dos de las principales compañías cárnicas también la rompieron en el último año: JBS subió un 37% y Brasil Foods un 16% (en un mercado una inflación anual del 9,5%). La excepción es Marfrig que en el último año registró una caída del 12%.

### **Minerva Foods anunció el arrendamiento de una planta en PARAGUAY**

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 28/08/15 - O frigorífico Minerva Foods anunciou o arrendamento do frigorífico paraguaio Expacar, que pertence à empresa Digna. No comunicado, a empresa não divulgou o valor e o prazo do arrendamento da unidade.

O frigorífico Expacar tem capacidade para abater 600 bovinos por dia e atende os mercados interno e externo, possuindo habilitação para vender para Rússia, Brasil e os países que compõem a chamada “lista geral”.

O Expacar fica ao lado do Frigomerc, frigorífico paraguaio que pertence à Minerva, de forma que a proximidade das duas unidades proporcionará a obtenção de “sinergias, especialmente em economia de custos, planejamento da produção, originação de gado, gestão administrativa e comercial”.